

# A ILLUSTRAÇÃO LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno . . . . . 45000 réis.

Numero pago á entrega. 5090

N.º 42 — VOL. II.

Sabbado 16 de Outubro de 1858.

PROVINCIAS: — FRANCO — Anno . . . . 45300

Ultramar e estrangeiro (moeda forte) . . 55000

## Summario.

ARTIGOS: — Historia da actualidade — A villa d'Aviz — O cabo de S. Vicente — O Corcovado — A cidade d'Aveiro — Um moinho nos arrabaldes de villa Nova de Mil Fontes — Historia da artillaria, conclusão — Lições para marinhos, continuação — A noite, continuação.

GRAVURAS — O Corcovado — Brasões d'armas da cidade d'Aveiro, e da villa d'Aviz — Um moinho em Villa Nova de Mil Fontes — O cabo de S. Vicente.

## Historia da actualidade.

No dia 12 do corrente encerraram-se as camaras legislativas, que se haviam adiado em 15 de Agosto até 11 do corrente. Não compareceram a esta solemnidade, que el-rei delegou no presidente do conselho de ministros, mais do que dois dignos pares, e vinte oito deputados.

No mesmo dia teve lugar em Paço d'Arcos uma das mais luzidas toiradas que este anno deram os curiosos. El-rei o Senhor D. Fernando assistiu ao divertimento. A concorrência foi immensa.

A antiga festa das *Palmeiras*, que se celebra no convento graciano de Nossa Senhora da Penha de França, teve lugar este anno no dia 10 do corrente, não desmerecendo do tempo em que este cirio tão celeberramente se festejava em Lisboa.

No dia 4 do corrente principiou a funcionar o telegrapho electrico que se montou em Vizeu.

Foram finalmente approvadas as condições da companhia das aguas em Lisboa, e espera-se que dentro em dois mezes ella dê começo aos seus trabalhos.

Falleceu o mui acreditado professor de geographia no collegio das Artes em Coimbra, doutor José da Silva Tavares, mais conhecido por frei José da Sacra Familia. Tinha setenta annos d'idade, e

desde 1833 estava residindo fora de Portugal. Suas magestades el-rei o Senhor D. Pedro v, e sua esposa foram no dia 11 do corrente visitar a Torre do Tombo, onde se detiveram examinando muitas das preciosidades litterarias e historicas que n'este edificio estão archivadas.

A Russia vae fazer publicar em França a historia das operações do seu exercito durante o cerco de Sebastopole.

No districto de Vizeu grassa nas freguezias ruraes uma molestia contagiosa no gado vacum e suino, que, se não é mortal em espantosa proporção, affecta a maior parte das rezes.

Actualmente a guarnição de Madrid consta de quinze mil homens.

O governo austriaco está fazendo fortificar na Italia os portos de Pola e Cattaro.

Falta-se em alliança matrimonial do principe Napoleão, com a princeza Clotilde, filha mais velha do rei da Sardenha.

O governo napolitano ordenou ao intendente da provincia de Salerno que procedesse á prisão de quinhentos individuos do districto de Vallo.

O principe de Calabria, segundo noticiaem de Turim, casa-se com uma princeza da Baviera.

O governo dos Estados-Unidos rompeu as suas relações diplomaticas com o Mexico.

A populaça de Nova York destruiu alguns navios que ali estavam em quarentena, procedentes de Nova Orleans.

Na altura do Espinho, segundo escrevem de Aveiro, desapareceu o cahique *Senhora das Febres*, sendo salva a tripulação n'um hiate, depois de lutar duas horas com o oceano.

No arsenal de Toulon rebentou a caldeira do *Roland* na occasião em que a estavam experimentando. Foram feridas trinta e cinco pessoas, e morreram nove, entrando n'este numero o commandante do vapor.

Sua santidade, que conta sessenta e sete annos, acha-se doente, o que inspira serios cuidados. Parece ameaçado d'uma hydropesia.

O governo chinês tem a pagar quinze milhões á França, e trinta á Inglaterra por indemnisação dos prejuizos soffridos pelo commercio de Cantão, e despezas da guerra.

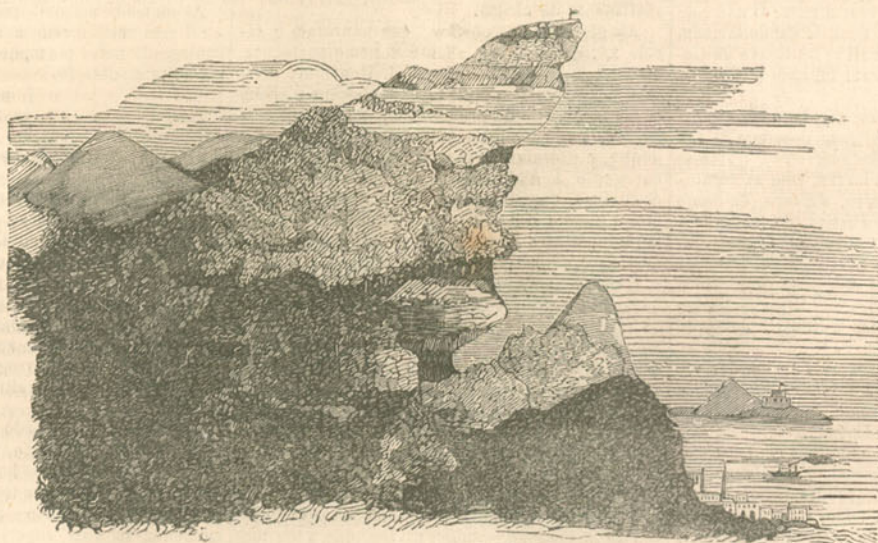
A colheita dos cereaes em Hespanha foi este anno abundantissima.

O duque de Malakoff, marechal Pelissier, casou-se no corrente mez d'Outubro. O sultou brindou a futura esposa com um diadema no valor de dois milhões de piastras.

Até 4 d'este mez foram amortisados 4.834.210\$800 réis de notas do banco de Lisboa. Existem por tanto ainda 165.789\$200 rs. das quaes 151.485\$800 réis tem sello da junta do credito publico.

A alfandega municipal rendeu no mez de Setembro rs. 59.303\$955. No anno passado rendeu no mesmo periodo réis 66.356\$017.

O parlamento da Grã-Bretanha é eleito por 1.224.493 eleitores. O numero de deputados é de seiscentos cincoenta e quatro.



O Corcovado.

— No anno passado a população indigente da Inglaterra era de 1.057.133 pessoas, e o sustento d'estes individuos custava 7.453.942 libras esterlinas.

— Corre noticia de que a cessão do porto de Villa Franca, na Sardenha, á Russia, foi feita de accordo com a França.

— Os revoltosos de Gwalier perderam no dia 14 de Agosto setecentos homens n'um combate.

— A Russia já nomeou o seu representante que hade ter residencia fixa na corte de Iekin.

— Na feira de S. Miguel, concelho de Basto, houve uma desordem, armando-se os feirantes para derrubarem revolucionariamente o muro de uma quinta, que lhe defendia o terreno que no anno anterior a mesma feira tinha occupado.

— O carcereiro de Leiria suicidou-se em consequencia das dividas que fizera para pagar os direitos de mercê do emprego.

#### A villa d'Aviz.

No reinado de D. Affonso II era Evora o assento d'essa nobre ordem de cavallaria, que el-rei D. Affonso Henriques instituiu em Coimbra, para se auxiliar com ella na ardua empresa da expulsão dos mouros, a qual, ao principio subordinada á ordem hespanhola de Calatrava, e mais tarde declarada independente por Eugenio IV, a pedido do nosso rei D. Joao I, tão celebre se fez por acções de valor sob a denominação de *S. Bento d'Aviz*.

Correndo o anno de 1211, achando-se o termo da cidade d'Evora já desaffrontado da presença d'esses irreconciliaveis inimigos do nome christão, pediu o mestre d'aquella cavallaria, D. Fernão de Annes, a el-rei D. Affonso II, que lhe desse para assento da sua ordem um lugar mais fronteiro a terras de mouros, onde melhor podesse cumprir os preceitos do seu instituto. O monarcha, cedendo a tão justo pedido, fez-lhe doação a 30 de Junho d'aquelle anno de um terreno, na mesma provincia do Alemtejo, distante seis leguas da raia da Estremadura, adaptado ao intento, tanto por ter na visinhança terras de infieis, como por ser bom sitio pela sua elevação para ali se fundar uma fortaleza.

Tinha a escriptura de doação por condições essenciaes, que o referido mestre não só levantaria n'aquelle lugar um castello, mas tambem fundaria junto d'elle uma povoação. E consta da mesma escriptura, que já n'esse tempo se dava áquelle sitio o nome de Aviz, proveniente, segundo a tradição, das muitas aves, principalmente aguias, que frequentavam e poisavam n'aquelle eminencia.

Só passados tres annos é que se deu principio á fundação do convento e castello, concluindo-se, e fazendo-se a mudança sendo fallecido o mestre D. Fernão de Annes, e governando a ordem o mestre D. Fernando Rodrigues Monteiro. Logo depois de acabados e povoados o convento e castello se começou a edificar e povoar a villa. O nome de Aviz, que se dava ao sitio, ficou-se dando tambem á villa, e á ordem, que até ali se intitulava *da Cavallaria de Evora*. O seu foral foi obra d'el-rei D. Diniz.

Como a povoação crescesse rapidamente á sombra dos muros de tão autorisada fortaleza, e sob a protecção de tão esforçados guerreiros, tratou-se de cercar de muralhas e torres, com as seguintes portas: *do Anjo, Debaixo, d'Evora, de Santo Antonio, de S. Roque, e do Postigo*. As torres primitivas eram seis; porém nas guerras da restauração de 1640 demoliram-se duas para se construir com os seus materiaes dois reductos, conforme o moderno systema de fortificação. Estes fortes levantaram-se junto ás portas *d'Evora* e de *Santo Antonio*.

Com o tempo veio a povoação a trasbordar sobre o seu cinto de muros, estendendo-se para o norte, aonde formou um grande arrabalde com tres ruas, bem guarnecidas de casas.

Está pois a villa d'Aviz assentada em lugar elevado, sobre a ribeira do mesmo nome, onde tem uma boa ponte. Dista d'Evora oito leguas para o norte. Tem uma unica parochia, da invocação de Nossa Senhora da Orada, que se ergue no sitio mais alto da villa, e segundo a tradição a imagem da

Senhora foi ali posta pelo condestavel D. Nuno Alvares Pereira.

O principal edificio da villa é o antigo convento dos freires da ordem militar de S. Bento de Aviz, fundado, como acima dissemos, pelo mestre D. Fernão de Annes, e posteriormente reedificado. Está situado proximo da *porta do Anjo*, mas da parte de fora dos muros da villa, correndo-lhe pelo meio da cerca a ribeira d'Aviz.

Tem mais Aviz hospital e casa de misericórdia, cinco ermidas nos arrabaldes, e duas fontes de boa agua.

Abunda o seu termo em cereaes, legumes, azeite, algum vinho, gados, grandes montados, muita caça, e mel.

A população d'Aviz pouco excede a mil quatrocentas almas. A 3 de Janeiro e a 18 de Agosto fazem-se aqui duas feiras, cada uma de tres dias.

Gosou antigamente de voto em côrtes, com assento no banco nono. O seu brasão d'armas, conforme se acha na Torre do Tombo, e o representa a estampa junta, é um escudo com a cruz verde d'Aviz em campo de ouro, e na parte inferior duas aguias. Todavia em uma das portas da villa, denominada *d'Evora*, do lado de fora, vê-se pintado o seguinte quadro: A imagem de S. Bento, tendo aos pés o mestre D. Fernão de Annes a cavallo, com escudo embraçado, e um alfange na mão direita. Debaixo das mãos do cavallo está uma cabeça de moira, e para o lado direito duas aguias reaesobre uma azinheira.

Diz a lenda, que into o referido mestre em procura de sitio para fundar o castello e convento, descobriera n'aquelle alto duas aguias poisadas sobre uma azinheira, e tomando d'isto bom agouro, se resolvera a fazer ali a dita fundação, dando por este motivo áquelle lugar o nome de Aviz; e que em memoria d'este successo se introduziram as duas aguias nas armas da villa.

I. DE VILHENA BARBOSA.

#### O Cabo de S. Vicente.

N'esse extremo da terra aonde veem fenecer, no seu termo mais occidental, o Algarve, Portugal, e a Europa; n'esse cabo, que os antigos denominaram *Promontorio Sacro*, e ao qual os portuguezes de D. Alfonso Henriques pozeram o nome do invicto martyr, cujo corpo occultou por seculos entre as suas brenhas, para o confiar depois á guarda e devoção da cidade de Lisboa; n'essa ponta de rochedos escalvados e descommunes, aonde se quebram impotentes as furias do Atlantico, tem Portugal, a Grã-Bretanha, e a Hespanha bem grandes, e bem diversas recordações historicas.

Os successos, que essas rochas presenciaram, em duas epochas mui afastadas uma da outra, foram de tal natureza e magnitude, que influíram poderosamente na elevação e grandeza das duas primeiras nações, e apressaram a decadencia e o abatimento da ultima.

As gloriosas descobertas, que honraram o seculo XV, dando lustre e fama ao nome portuguez, e gloria immortal ao infante D. Henrique, tiveram por ponto de partida as immedições d'aquelle cabo. No alto do promontorio, na sua villa de Sagres, o illustre filho de D. João I meditava, dispunha, e executava as suas audaciosas empresas de navegação. E d'ahi assistia á partida dos arrojaes nautas, que, devassando terras e mares ignotos, foram plantar o pavilhão das quinas em tantas e tão importantes ilhas, que ainda hoje são as mais formosas perolas da corôa de Portugal.

D'est'arte teve principio ahi, no meio d'esses inhospitos penedos, o generoso impulso, que, levando mais tarde Vasco da Gama á India, e Pedro Alvares Cabral ao Brazil, creou para o nosso paiz a idade de ouro, e para toda a Europa uma nova epocha de civilisação.

O outro successo diz sómente respeito á Inglaterra e á Hespanha. Não teve tão grandes consequencias, pois que a sua acção não abrangem tanta vastidão de territorio, nem tamanha massa de interesses. Mas foi um acontecimento de muita e geral importancia politica pela influencia que exerceu na sorte de duas grandes nações, que a seu turno tem disputado o dominio ou a preponderancia

universal. Referimo-nos ao famoso combate naval, que teve lugar em frente do cabo de S. Vicente, entre as esquadras hespanhola e ingleza, no dia 14 de Fevereiro de 1757.

Companha-se a armada de Hespanha de vinte e sete naus, e era commandada pelo almirante D. José de Cordova. A esquadra da Grã-Bretanha constava de quinze naus, e tinha por commandante sir John Jervis.

A's onze horas da manhã rompeu o fogo de ambas as linhas inimigas; e no fim de seis horas de uma luca encarnçada, em que os ares se toldaram de espessas nuvens de fumo, cobrindo-se as ondas de corpos sem vida, e de fragmentos dispersos das naus despedaçadas, renderam-se os leões de Castella ao leopardo britannico.

O heroe d'este dia memoravel nos fastos da Inglaterra foi Nelson, a quem a fortuna destinava um futuro de immensa gloria. O intrepido capitão, quando a batalha parecia mais indecisa, rompe com a nau do seu commando, já toda crivada de balas, a linha inimiga, e, por meio de uma manobra atrevida, prolonga-se, e dá abordagem á nau S. Nicolau. Em quanto os seus soldados e marinheiros saltavam no navio hespanhol, combatendo como valentes, Nelson, secundado por um outro bravo, faz em pedaços a vidraça de uma janella d'aquella nau, penetra na camara, espalha d'ahi por toda a parte o espanto e o terror, e apontando uma pistola ao peito do commandante, obriga-o a mandar arriar o pavilhão castelhano.

Debalde veio a nau S. José em soccorro da sua companheira d'armas. Em vão se unem uma á outra para a defesa commum. O novo perigo não fez mais do que redobrar a coragem de Nelson, que, animando a sua gente com a força irresistivel da palavra e do exemplo, corre a assaltar a amurada da nau S. José. O raio não desce á terra mais veloz do que os inglezes se precipitaram em seguimento do seu capitão, levando a destruição e a morte ao centro da nau recém-chegada. A luca foi dura e a todo o transe, porém foi curta. A officialidade hespanhola em breve entregou nas mãos victoriosas de Nelson as suas espadas e liberdade.

Este brilhante feito d'armas decidiu instantaneamente da sorte dos contendores. A poderosa armada de Carlos IV rendeu-se á esquadra de Jorge III; e D. José de Cordova, que não quiz sobreviver a este dia de luca para a sua patria, expirou pouco depois das feridas mortaes, que com firme proposito procurara no mais rijo e terrivel do combate.

A Hespanha contou este successo, que lhe destruiu quasi inteiramente a sua marinha, entre os seus maiores infortunios; e a Grã-Bretanha exultou, vendo quasi de todo aniquilado o poder maritimo da aliada natural da França. O almirante Jervis foi creado *lord S. Vicente*; e o cabo d'este nome ficou assignalado nos annaes de ambas as nações como um lugar fatidico para o engrandecimento da Inglaterra, e para o abatimento da Hespanha.

Assim tambem aquelle promontorio, sagrado para a religião pelas memorias de um santo martyr, foi consagrado pelos portuguezes á obra grandiosa da moderna civilisação.

I. DE VILHENA BARBOSA.

#### O Corcovado.

Como é altivo e arrogante!

A nuvem afaga-lhe a fronte, murmurando-lhe ao ouvido os arcanos de Deus; a onda do oceano lambe-lhe a base; admira-o em roda uma cidade inteira!

Como, porém, merece tanto um triste *corcovado*? Ha, porventura, coisa que mais afeie do que uma corcova? que mais apparencias dê de humildade, e menos ares d'arrogancia e altivez?

E contudo, como é altivo e arrogante, o *Corcovado*!

Fallamos d'um rochedo: d'um rochedo que é, pela sua forma e posição, o rei dos rochedos! que todos os dias merece as honras de ser visitado, ao menos pelas pessoas que tem desejos de ver as coisas de cima para baixo; de se considerarem, um momento, na vida, superiores aos juizes do mundo; ou de metterem o mundo debaixo dos pés, por-

que d'ali para cima, só Deus! (No Rio de Janeiro ainda não está bem introduzido o gosto das viagens aerostaticas.)

Oh! quem nos dera cá, tão perto de Lisboa, um rochedo assim! Juramos que não desceríamos da *corcova*; ficaríamos aqui empoleirado, embora parecéssemos um mocho agoireiro.

Temos a serra de Cintra, coroada de muralhas recortadas como a coroa ducal. Temos a *Peninha* com a sua torre esguia e alterosa que, vista de longe, parece um simples pára-raio; Palmella, elevando ás nuvens o seu castello cheio de famosas tradições; a Arrabida, a Estrella onde parece que vaga ainda errante a sombra do agareno chorando, sobre o solo conquistado, a queda do seu ultimo rei. Temos pedras, que valem milhões—se o diabinho pudesse pagar a portuguezes a lembrança da sua gloria—porque em todas essas pedras ha vestígios dos nossos victoriosos avós: cada uma d'essas maças de granito é uma preciosissima pagina da nossa historia, aberta constantemente aos olhos do viajante! Temos tudo isso; não temos porém o *Corcovado*: despido de nobres tradições, é verdade; mas tão rico da poesia singela que vae fallando ao coração pelo susurro d'uma floresta gigante, pelo murmurio de aguas despenhadas de rocha em rocha, para nos surpreender depois, quando, ao sairmos da sombra do bosque, se desenrola de repente, e como por encanto, a nossos olhos, um panorama inteiramente novo e quasi indescriptivel, que a vista mal pode alcançar, e os sentidos mal sabem comprehender!

Com os pés no fundo do abysmo, o gigante, debruçado sobre o oceano, eleva lá entre os vapores do ceo a fronte coroada d'um parapeito d'alvenaria, onde o viajante passa um dia inteiro julgando-se mais perto de Deus que dos homens; por que lhe parece a terra um simples phenomeno de miragem; e a solidão da altura, povoada pelos pensamentos que inspira, um mundo inteiramente novo de harmonias e de luz; o mundo dos justos, o mundo de Deus!

Ir ao *Corcovado* é, por assim dizer, um dever do viajante europeu na provincia do Rio de Janeiro: é uma especie de santa romaria que não deixa d'alcançar-nos certas indulgencias, tanto pelo muito que nos custa o caminho, como pelo sentimento de adoração que nos commove na presença da grandeza do Creator, cuja bondade sublime nos protege n'aquella altura prodigiosa em que o tufão podia levar-nos como a uma folha.

N'uma d'essas madrugadas que succedem ás noites calmosas e humidas do Rio de Janeiro, pozemos no caminho para o *Corcovado*, eu, meus dois primos, A. e G. e o senhor L., moço de espirito, de bons ditos, e sobretudo d'uma facilidade admiravel em achar coisas para fazer rir. Rir é essencial n'aquelle transito, começado quasi nos ultimos bocejos do somno. Iamos portanto tão bem acompanhados que não receámos sair do Rio-comprido das tres para as quatro horas da manhã, em completo jejum, para irmos almoçar nas *Paineiras*.

Para esse fim levava cada um de nós um *contrapeso*. Um, duas gallinhas assadas, embrulhadas em folhas de bananeira; outro, presunto e bananas de S. Thomé; ao terceiro competia o carroto de um enorme sacco de laranjas; a mim coube-me o do vinho; e lá me ia respeitosa e abraçado com duas garrafas de magnifico Xerez, que por duas ou tres vezes estiveram a ponto de me fugirem dos braços; e outra rolaram comigo, que escorreguei sobre a relva orvalhada d'uma encosta por onde intentámos trepar para encurtar caminho.

Logo que o fresco da manhã dissipou as saudades, que todos levavamos, dos nossos leitões, sacrificados ao prazer convencional de similhante peregrinação, começo o caminho a parecer-nos mais agradável. Andavamos ao longo do *encanamento*, e o murmurio da corrente acompanhava-nos. Cada um de nós ia entregue aos seus pensamentos, talvez bem estranhos ao assumpto que ali nos conduzia, quando o senhor L., exhalando um profundo suspiro, apontou para um caminho escarpado e estreito, que, desviando-se do trilho principal, serpenteava pela rocha. Era a vereda que devia levar-nos ao cume do *Corcovado*.

Todos suspirámos, e parámos como se tivéssemos encontrado o olhar fascinador d'uma serpente. Cansados de cinco quartos de legua de caminho, em

jejum, carregados com o mantimento para o improvisado almoço nas nuvens, assentámo-nos quasi desfallecidos sobre a relva, dizendo no fugir da palavra: « vamos almoçar. »

Era necessario almoçar; mas um oppunha-se, appellando para as decuras do logar chamado *Paineiras*, lá quasi no alto do *Corcovado* onde é de estylo em casos taes almoçar. Em vão lembrou as delicias d'uma vertente cristalina que lá existia, d'um banco relvoso, d'uma mesa de pedra: *a fome era negra*. A maioria venceu; os embrulhos deslizeram-se; as gallinhas coradas, o presunto e as fructas iam apparecer.

Oh! surpresa! Em logar das gallinhas, pedras embrulhadas em estopa; e em vez de presunto e fructas, pau e cascas de banana!

Traição! gritámos, depois dos primeiros momentos de espanto. Fomos atraçados pelas *moças* que tanto riram hontem á roda de nós! Estamos perdidos. O senhor L. conservava-se muito serio, com o sacco de laranjas ás costas. Eu tratei de examinar as garrafas. Estava o passeio transformado por falta de mantimento! Sem almoço era impossivel subir ao *Corcovado*. Fornámos conselho.

Dar o braço a torcer, disse o senhor L., é de pouco espirito. Comamos duas laranjas cada um; cara alegre, e vamos comer o resto lá em cima! Animo, meus amigos, que ainda ali temos duas garrafas de Xerez!

Continua.

A. H.

#### A cidade d'Aveiro.

Assentada em terreno de mediana elevação, a cidade d'Aveiro espelha-se nas aguas de uma vasta ria, formada pelo rio Vouga, cuja foz lhe fica visinha, e pelas ondas do oceano, que, entrando por um esteiro em frente da cidade, lhe dão a vantagem de possuir um porto de mar, muito bom em outros tempos, e na actualidade bastantemente obstruido de arças. Está situada em distancia quasi igual dos rios Douro, e Mondego, pois dista do primeiro dez leguas para o norte, e do segundo nove para o sul.

Abstrahindo d'essas historias, meio incertas, meio fabulosas, com que os nossos geographos fallam dos primeiros povoadores d'esta terra, ha todo o fundamento para crer, que, durante a dominação dos romanos na Lusitania, havia ali uma cidade florecente com o nome de *Talabriga*.

Com as invasões, que se succederam á queda do imperio romano, e talvez ainda mais com a terrivel inundação dos sarracenos, que destruiu em toda a peninsula iberica a monarchia dos godos, arriuou-se e despozou-se completamente aquella cidade. E assim permaneceu por muitos seculos, pois que só no decimo quinto é que foi reedificada e novamente povoada pelo infante D. Pedro, duque de Coimbra, e filho d'el-rei D. João I., sendo regente do reino na menoridade de seu sobrinho, D. Affonso v.

Por essa occasião, não passando de uma simples villa, foi cingida de altos e fortes muros ameidados; porém a população, no seu crescente desenvolvimento, transpoz os limites, que a apertavam, e, dilatando-se para o norte e para o sul, formou arrabaldes cheios de boa casaria, que não tardaram a constituirem-se em novos bairros da villa.

Em 1515 deu-lhe foral el-rei D. Manuel, concedendo-lhe muitos privilegios e isempções. E a tão prospero estado chegou n'esse seculo, graças á capacidade, que então tinham o seu porto, e a sua barra, que no anno de 1550 contava doze mil habitantes, e possuia mais de cento e cincoenta navios, pela maior parte de alto mar, expedindo todos os annos não menos de sessenta para a pesca do bacalhau nos bancos da Terra Nova, e mais de cem carregados de sal para diversos portos.

O chuvoso e tempestuoso inverno de 1575, obstruindo-lhe de arças o porto e a barra, deu principio á sua decadencia. Com o discurso do tempo agravou-se de tal sorte este mal, que a sua facil barra, removida pelo movimento das arças quinze milhas mais para o sul, tornou-se difficil e perigosa; os fertilissimos campos d'Aveiro, que chegaram a produzir em alguns annos trinta mil moãos de trigo, e as suas celebradas marinhas, d'onde se

tiravam annualmente de doze a dezesseis mil moãos de sal, ou se esterilizaram, cobrindo-se das mesmas arças; ou, alagados, se converteram em terrenos pantanosos e insalubres, que tanto concorreram para se ir despovoados Aveiro.

No principio d'este seculo tratou seriamente o governo de prover de remedio a tão grande mal, encarregando o brigadeiro Oudinot, e o tenente coronel Luiz Gomes de Carvalho, dois engenheiros distinctos, de confeccionarem um plano de obras conducente ao fim proposto. Encetaram-se os trabalhos em 1802, e concluíram-se em 1808, deixando construido um dique de mil duzentas e dez braças de comprimento, setenta e dois palmos de largura, e altura superior ás mais elevadas marés; em cuja obra se despendeu mais de cem contos de réis.

Com este dique melhorou muito o porto e a barra, e por conseguinte melhoraram tambem os campos e as marinhas de sal. Animou-se o commercio e a navegação, e Aveiro, então já elevada á cathedra de cidade, e sede episcopal, por el-rei D. José, readquiriu, em grande parte, os dias da sua passada prosperidade. Todavia, como depois que se acabou aquella importante obra hydraulica não se cuidou mais da sua conservação, tornaram as arças a accumular-se no porto e na barra, com grave prejuizo da navegação e commercio. Ha tempos que se empreehderam, e continuam ao presente, trabalhos de melhoramento.

Divide-se a cidade d'Aveiro em cinco bairros, contando entre estes o chamado arrabaldes. O mais antigo ainda se vê cingido com os muros, que lhe levantou o infante D. Pedro, duque de Coimbra. Um esteiro, ou braço de mar, separa a cidade em duas partes, facilitando a communicação duas pontes de pedra, sendo uma d'ellas de melhor fabrica.

Tem quatro igrejas parochiaes: a sé, no bairro antigo; a da Vera Cruz, que é um bom templo de tres naves, no bairro do norte; a do Espirito Santo, de antiga architectura, no do sul; e a de Nossa Senhora da Apresentação, que outr'ora tinha por orago a S. Gonçalo, edificada no lado do sul. Nos districtos d'estas freguezias ha quatorze ermidas.

A igreja da misericordia, de architectura moderna, é um grande e bello templo; e o seu hospital é tambem um bom edificio.

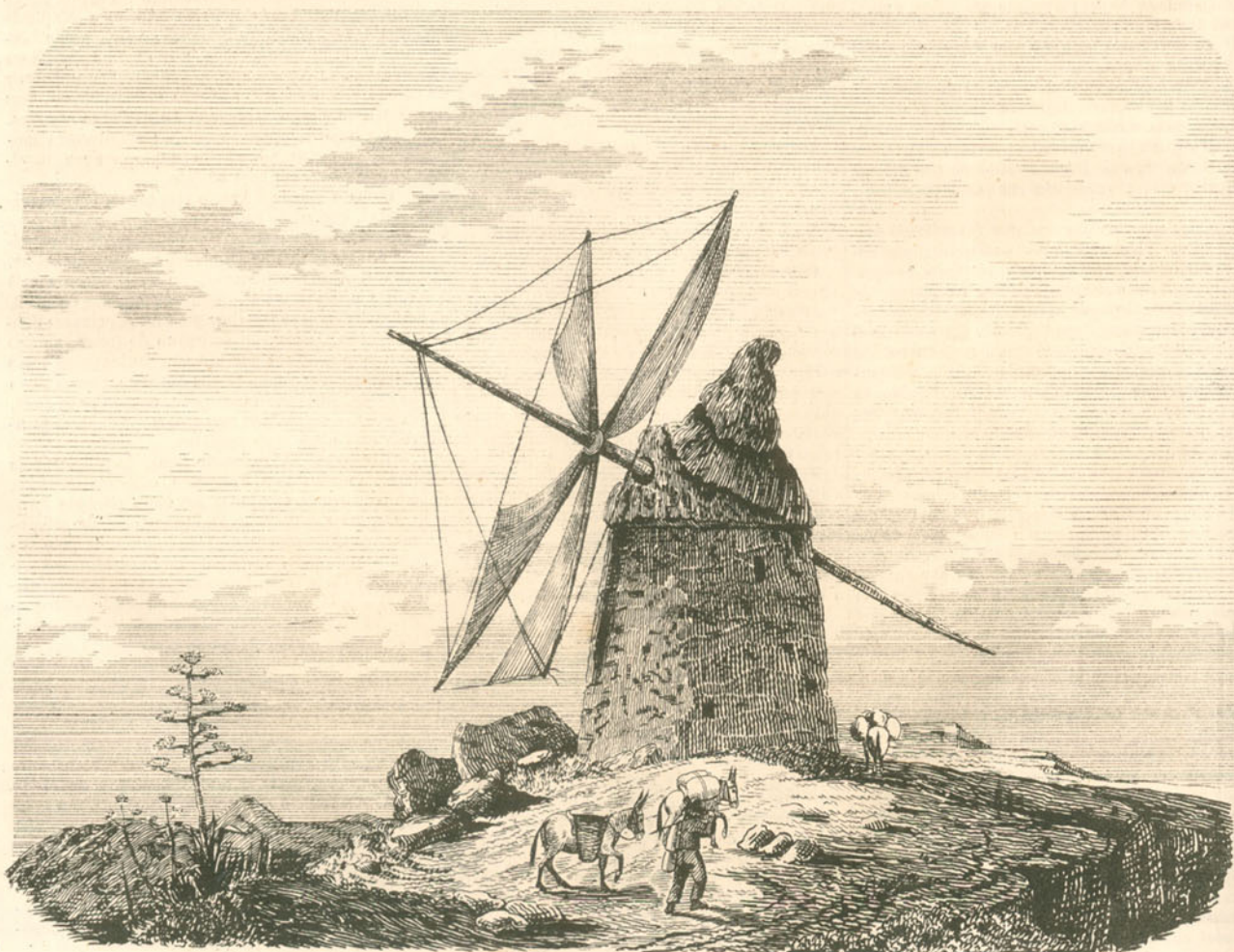
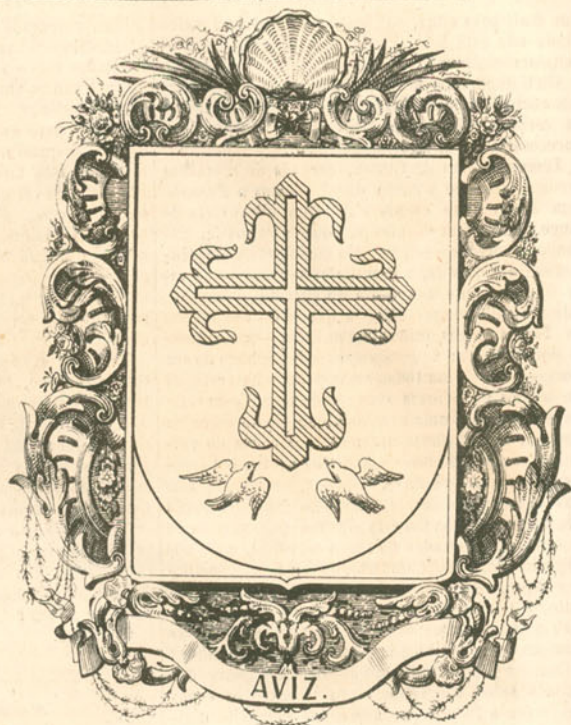
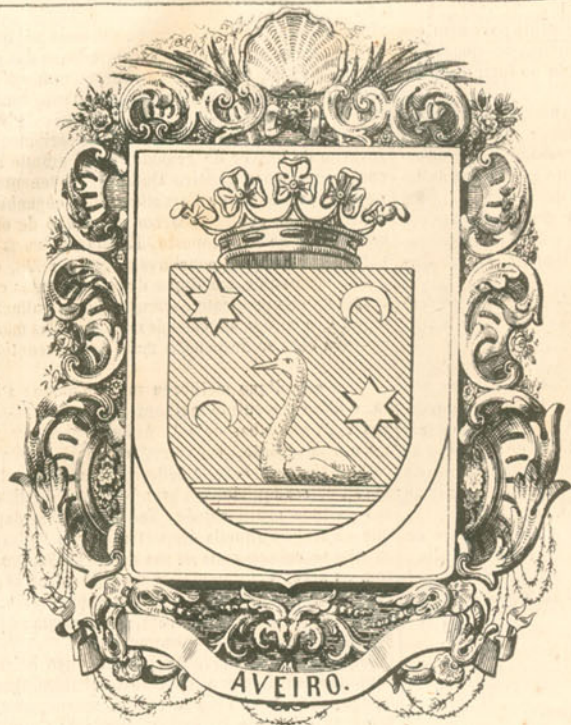
Conta a cidade d'Aveiro seis conventos, tres de freiras, que ainda estão povoados, e tres, que pertenceram ás extinctas ordens de religiosos. D'aquelles o mais autorizado é o real mosteiro de Jesus, de religiosas dominicanas, no qual lançou a primeira pedra el-rei D. Affonso v no anno de 1462, e aonde depois se recolheu sua filha, a princeza Santa Joanna, fallecendo no habito de freira, mas só com voto simples; por lhe não consentirem votos solemnes, em razão de ser herdeira presumptiva da coroa, na falta de seu irmão, o principe D. João, depois rei, segundo do nome. O corpo da santa princeza está n'um rico sepulchro.

O convento da Madre de Deus, de religiosas da terceira ordem de S. Francisco, edificado em 1644, em cuja igreja se admira um bello retabolo.

O convento de S. João Evangelista, de religiosas carmelitas descalças, fundado em 1638 pelo duque d'Aveiro, D. Raymundo de Lencastre, nos paços, que ali possuia. Está situado na parte mais antiga da cidade, forma um grande quadrado, com quatro frentes apalaçadas, que terminam em quatro torres, mais elevadas e pontegulosas.

Os conventos de frades eram os seguintes: o de Nossa Senhora da Misericordia, fundado dentro dos muros pelo infante D. Pedro, duque de Coimbra, no anno de 1423; e fora d'elles o de Santo Antonio, de frades menores da Provincia da Soledade, com uma linda cerca abundante d'agua e arvoredos, edificado em 1524, e reconstruido nos annos de 1564, e 1583; o de Nossa Senhora do Carmo, de carmelitas descalças, tambem com bonita cerca, fundado em 1613 por D. Brites de Lara, mulher de Pedro de Medicis, irmão do grã-duque de Toscana. A igreja d'este convento é vasta, e está construida com grandeza. Na capella-mór, do lado do Evangelho, descansa a fundadora em um magnifico mosaico de marmores de cores.

No bairro antigo ha um recolhimento de terciarias de S. Francisco, e junto do convento de Santo



Moinho nos arrabaldes de Villa Nova de Mil Fontes.



Cabo de S Vicente.

Antonio uma igreja de terceiros tambem de S. Francisco.

Aveiro tem casas nobres de agradável apparencia, bom caes de pedra, aonde chegam os navios, alfandega, e um passeio formosissimo tanto pelas arvores gigantescas, que o adornam, como pelas vistas apraziveis, que d'elle se desfructa. E' uma frondosa alameda, situada na parte alta da cidade, entre a porta de Vagos e o convento de Santo Antonio.

A cidade é abastecida de agua por cinco fontes, das quaes a principal é a da Ribeira, que serve de ornamento a uma praça junto do esteiro. Vem-lhe a agua de longe por um bom aqueducto sobre arcos. Continua.

I. DE VILHENA BARBOSA.

#### Um moinho nos arrabaldes de Villa Nova de Mil Fontes.

Um moinho dá sempre animação e belleza á paisagem, em umas partes mais do que em outras conforme os contrastes da situação, e segundo as formas da construção mais ou menos esbeltas.

Na Hollanda, cujo territorio é uma continuada planície, torna-se forçoso dar aos moinhos bastante elevação; e d'aqui resulta aquella forma pittoresca e elegante, que faz d'elles o mais gracioso e singular adorno dos campos. Sem essas construcções gigantescas, esguias, e phantasticas, as vastas campinas da Hollanda, apesar da variedade, e esmero que os lavradores põem na sua cultura, seriam excessivamente monotonas.

Os moinhos da provincia da Estremadura não se recommendam, certamente, pela sua formosura ou elegancia; mas o que seriam estes nossos montes, estes montes tão prosaicos, que cercam Lisboa, tão monotonamente regulares, tão escalvados, tão nus de vegetação na quadra em que ella mais apraz aos olhos; o que seriam, repetimos, se não tivessem aqui e ali por corôa esses moinhos, seu unico ornato, sua unica vida e companhia?

O moinho, que se vê representado n'este numero da *Illustração*, pertence a outro genero de construcção, ainda mais tosca e pesada, mas que não deixa de ter aspecto singular, e um tanto pittoresco, que nos faz recordar o dominio dos moiros. Está situado nas immedições de Villa Nova de Mil Fontes. O terreno, que o circunda, é arido e triste, porém não se julguem por elle os arrabaldes d'aquella villa, que são bellos e verdejantes.

Villa Nova de Mil Fontes está assentada na provincia do Alemtejo, proximo do Algarve, e junto á costa do oceano, na distancia de quatro leguas para o sul da villa de Sines. A Ribeira d'Odemira, que tem seu nascimento na serra de Monchique, fertilisa-lhe o termo, cobre-lhe os suburbios de perenne verdura, banha-lhe os muros, e, ao entrar no mar, forma-lhe um porto, hoje bastantemente de aréas, e só frequentado de embarcações costeiras, mas que outr'ora era accessivel a navios de não pequena lotação.

A barra, que se abre em uma circumscripção bahia, é defendida por um castello fundado sobre uma visinha eminencia.

I. DE VILHENA BARBOSA.

#### Historia da artilharia.

##### Conclusão.

Malthus refere que no anno de 1610 um indiuo, chamado Clunel, offereceu ao duque de Alberstat uma invenção aproximada de morteiro para lancar bombas; que depois passou á Hollanda, onde deu parte da sua idéa; e voltou á França durante o ultimo cerco da Rochella, no fim do qual morreu sem ter tirado uma bomba, e somente algumas balas incendiarias. Depois d'este sitio até ao ultimo cerco de Lamotte na Lorraine, não se tornou a ouvir fallar de bombas. Malthus acrescenta que elle atirou as primeiras, e em grande quantidade; que teve a direcção das minas e sapara, maravilhas de que nunca se escrevera, ou fallara, tanto pela profundidade subterranea, como pelo comprimento dos ramaes.

Historiadores hollandezes contam, que, pouco antes, um engenheiro italiano morrera queimado em Berg-op-zoom fazendo algumas experiencias.

Alguns pretendem que Malthus era apenas um pratico, que viria na Hollanda o uso das bombas, no cerco de Colioure, em 1642, d'onde trouxera a pratica, e a applicara no cerco de Laudrecy.

Outros escriptores affirmam que a primeira bomba foi lançada em Wachtendoun, em 1588.

No reinado de Luiz XIV a artilharia foi elevada a um ponto a que até ali não chegara, tanto pela quantidade de bocças de fogo, como pelo numero e instrucção dos officiaes e artilheiros.

O marechal Vauban imaginou e introduziu o tiro de ricochete. Chefes experientes, collocados na direcção dos numerosos arsenaes, aperfeiçoaram as construcções.

A applicação das peças de artilharia a bordo dos navios foi muito posterior á sua descoberta e uso em terra. Não ha indicação positiva da epoca em que se adaptou aos vasos de guerra; é certo, porém, que os francezes foram dos ultimos a fazerem uso d'ellas a bordo.

Os calibres de oito, e inferiores foram empregados primeiramente; depois os de doze e dezoito; e finalmente os de trinta e seis.

No combate naval de 1373, em que quarenta e tres navios de alto bordo, e treze menores castelhanos, assoldados por Carlos V, juntamente com os francezes, derrotaram diante da Rochella os inglezes, commandados por Pembrok, que n'esse acto foi aprisionado, já se fez uso de artilharia.

Em 1494, no reinado de Carlos VIII, o duque de Orleans, tendo conduzido de Marselha a Genova a esquadra franceza para ajudar a conquista de Napoles, Milão, e outros paizes devolvidos á França por direito de successão, partiu de Genova, e não podendo alcançar Frederico de Aragão, irmão do rei de Napoles, que o evitava, fez atacar Rapallo, cidade genoveza, da qual Frederico se apoderara com tres mil homens de desembarque. As galeras do duque de Orleans se aproximaram de terra, e incommodaram successivamente o inimigo com o fogo da artilharia, principalmente que era armada com peças de prodigioso calibre para aquelle tempo. Guichardin observa que o uso dos canhões era novo e pouco conhecido n'estes mares; que esta machina mortifera inventada na Alemanha, fora primeiro empregada na Italia pelos venezianos; que porém os francezes tornavam o effeito do canhão mais terrivel, servindo-se de balas de ferro, mais solidas do que as de pedra até então usadas. Rapallo foi tomada, e Frederico de Aragão constrangido a retirar-se.

Só no anno de 1509 é que a historia naval de França menciona o uso da artilharia nos navios hespanhoes, na tomada de Oran. Já então a artilharia começava a ser muito commum em terra; e vinte e cinco annos depois Carlos V supportava o fogo de trezentas peças que defendiam o forte da Gouletta, do qual se apoderou.

Esta mesma historia só menciona o uso dos canhões nos navios portuguezes em 1508; e no anno de 1512 nos hollandezes, no ataque de vinte e duas urcas hollandezas na altura de Douvres, por dezoito navios de Dieppe.

No anno de 1600 os navios hollandezes tiveram superioridade de artilharia sobre os hespanhoes, porque estes usavam peças mui compridas, e difficéis de carregar, ao passo que os hollandezes as tinham curtas, de facil manobra, correspondendo com tres tiros a cada um dos hespanhoes.

Em 1639, os grandes galeões de Portugal e Hespanha eram de oitenta canhões.

Em 1501, Luiz XI armou dezeseis navios de grande porte, ás ordens de Ravestein, governador de Genova. Um d'estes vasos, chamado *La Charante*, era guardado com mil e duzentos homens de tropa, além da tripulação, e com duzentas peças de artilharia, das quaes quatorze eram de grosso calibre.

No anno de 1588, Philippe II armou a esquadra, denominada a *invencivel*, composta de cento quarenta e cinco navios de linha; dos quaes o menor, além da equipagem, transportava oitocentos soldados. O numero de soldados orgava por cento e vinte mil; o de marinheiros era de doze mil; além de numerosos voluntarios. A armada era guar-

necida por dois mil e quinhentos canhões de grosso calibre. Partiu do porto de Lisboa, commandada pelo duque de Medina Sydonia; e foi assaltada por uma furiosa tempestade á saída do Tejo. Apesar d'isso chegaram á Mancha, com destino de effectuarem um desembarque nas costas de Inglaterra. A rainha Isabel equipara alguns vasos para guardar o Tamisa, sob as ordens de lord Seymour, e reuniu em Plymouth cem velas, commandadas pelo almirante Howard, e o vice-almirante francez Drack. Os navios d'estes estavam despachadas, e perseguiram continuamente os de Hespanha, tomando e queimando alguns. Os navios hespanhoes eram inferiores na manobra aos dos seus contrarios. Durante o tempo que o duque de Medina Sydonia se conservou nas Dunas, houve dois combates, um de oito, outro de dez horas, sem resultado decisivo. O duque, não podendo ser coadjuvado pela esquadra do principe de Parma que estava bloqueada em Dunkerque, e dispersando-se a sua armada com os temporaes, regressou a Hespanha, desistindo de uma empresa, que na Europa se julgou decisiva, pela nunca vista accumulção de tamanhas forças navaes e terrestres.

Depois d'esta gigantesca expedição bem conhecido é o uso, progressivo aperfeiçoamento, e numerosas applicações que se tem dado a estes terriveis motores da destruição e morte. O numero de peças que se apresentaram em campanha durante as batalhas de Napoleão I, e ainda ultimamente na guerra do Oriente, o que está bem presente á memoria d'esta geração, dispensa-nos mais longa enumeração d'este objecto.

#### Lições para maridos

#### COMEDIA EM TRES ACTOS

IMITADA DE VERSO HESPAÑHOL.

Continuação.

#### ACTO III.

#### SCENA IV.

GENERAL, MICAELA.

GENERAL.

Creia, minha senhora, ella está innocente; o barão é que não soube o que disse... Mas que importa?... Isto pode continuar, e tenho de viver em continuo sobresalto.

MICAELA.

Socegue, general... Madrid certamente offerece mil perigosas tentações á juventude inexperta, e a lucta é desigual com uma legião de namorados.... o mal está, e não se escandalise comigo, porque lhe fallo como velha amiga, em...

GENERAL.

Em?

MICAELA.

Em ser tão moça.

GENERAL.

Moça! Pois se o não era para partilhar a minha fortuna, sêl-o-ha para trahir o solemne juramento que me deu ao pé dos altares? Moça! Pois puz-lhe alguma faca aos peitos para casar comigo? E falla a senhora n'isso, quando casou com um rapaz que poderia ser seu filho!

MICAELA.

Engana-se, leva-me dez ou doze annos de differença!

GENERAL.

E' o mesmo. A mulher faz-se velha vinte annos antes do homem.

MICAELA.

As que são só bonitas, cedo perdem os atractivos; mas a mulher que é erudita....

GENERAL.

Essa então nunca é moça!

MICAELA.

Não diga blasphemias, general: a poesia zomba do tempo e do espaço: Thalia existe ha trinta seculos, e não perdeu ainda o seu ar juvenil!

GENERAL.

Delirios de ócas cabeças!

MICAELA.

Não me aterrorizam funestos presagios. D. Eusebio hade ser sempre fiel...

GENERAL.

E' yerdade: aonde o deixou?

MICAELA.

Foi receber umas rendas. Mas creia que não pode viver sem mim.

GENERAL.

Hum! Hum!

MICAELA.

Nunca se afasta do meu lado.

GENERAL.

Pois afrouxe-lhe a redea, e diga-me depois aonde irá parar!

MICAELA.

Pois apegue-se a sua mulher, e veja se o diabo lh'a não cubiça!

GENERAL.

Não é o diabo que tem a culpa do que por ahí acontece, é...

MICAELA.

E'....

GENERAL.

O termo-dos casado,

MICAELA.

Pois pensa...

GENERAL.

Não ha negal-o: a sagrada instituição do matrimonio está perdida sem remedio: tenha embora o marido mais riqueza, qualidades mais distinctas d'alma e corpo, fica sempre inferior ao rival preferido.... E' marido, e basta-lhe o nome! E se é assim entre as pessoas moças, não admira que os velhos vejam de continuo diante dos olhos o raio que os hade fulminar!

MICAELA.

(Áparte) Estremeço, ouvindo-o!

GENERAL.

O matrimonio vê-se ameaçado de todos os lados. Nunca falta um curioso que nos ronde a porta, mas não apparece nunca um amigo que nos avise do perigo que corremos! O marido infeliz, torna-se ridiculo: mas os que atraçoam a amizade, os que escarnecem do pudor publico, os que ultrajam a familia, e perturbam a paz domestica, são apontados como homens espirituosos, e applaudem-n'os pelas seus proprios escandalos! E exalta-se por ahí o espirito de associação? E' a maravilha do seculo! Ha seguros de vidas, seguros de inundações, seguros de fogos, seguros pa-

ra a chuva e para a saraiva, mas os seguros que mais florecem são certamente os seguros contra o matrimonio!

MICAELA.

General, falla como um livro. O mal que nos invadiu é profundo, e sem um milagre, teremos de ver qualquer dia riscado do cathecismo o setimo sacramento! Corramos ás armas, general, defendamos a sublime instituição! Mas occorreme uma idéa luminosa... (vendo chegar Luiza pela porta da direita) Ah! minha senhora, chegou em occasião opportuna.

SCENA V.

MICAELA, GENERAL, LUIZA.

MICAELA.

Trata-se de defender uma causa, que a todos pertence. Sinto accessa a inspiração! Conto com o auxilio de v. ex.<sup>a</sup>

LUIZA.

Talvez.

MICAELA.

Em presença da guerra audaz com que se pretende deprimir e aniquilar o matrimonio, façamos uma associação contra os devassos e libertinos, e realisemos, em nosso proprio beneficio, a maxima antiga de «que a união faz a força.»

GENERAL.

E' essa a sua idéa luminosa?

MICAELA.

Pois não lhe agrada?

GENERAL.

Não tem pés nem cabeça!

MICAELA.

E' a theoria do equilibrio europeu applicada á defesa dos grandes principios sociaes!

GENERAL.

Desengane-se, minha senhora, que não ha theoria nem equilibrio que possa dar socego ao homem que desconfia de sua mulher. Essas tentativas expór-nos-hiam mais facilmente ao escarneo do mundo. Para o casado ha só tres caminhos a seguir. Ou cortar o nó conjugal como aquelle intrepido macedonio fez ao nó gordio; ou cerrar os olhos á evidencia, como praticam tantos.... ou desatar o doce laço, que nos unia, transportando-o para o pescoço...

LUIZA.

Meça as suas palavras, general: não tem motivos para duvidar da fidelidade de Carlota.

GENERAL.

Assim será: mas abomino a infernal Madrid!

LUIZA.

E' possivel!

GENERAL.

E heide fugir d'esta moderna Babylonia!

LUIZA.

Não precipite o seu juizo...

GENERAL.

Vou pedir o meu passaporte quanto antes. Um homem casado não pode viver aqui. Resigno tudo.

LUIZA.

Como assim?

GENERAL.

Prescindo do meu logar no senado, e se tanto fór mister, dou a minha demissão de tenente general.

MICAELA.

E separa-se da bella Carlota?

GENERAL.

Hade acompanhar-me.

LUIZA.

E para onde vae?

GENERAL.

Não sei ainda: para um sitio bem distante d'aqui: para as Philippinas? Não: que ha lá muita gente: vou... para os desertos da Africa, para as margens do rio Cuama. (sae).

SCENA VI.

LUIZA, MICAELA.

LUIZA.

General!

MICAELA.

Que homem tão tapado! Pois não é preferivel o meu projecto? Não é?

LUIZA.

(Sem dar-lhe attenção) Infeliz Carlota!

MICAELA.

Vou redigir as bases... em prosa. Conceda-me licença.... (fallando consigo ao entrar em casa) Bastam alguns conceituosos periodos que sirvam de preambulo....

SCENA VII.

LUIZA, só.

Um sae furioso: o outro vae escrever destemperos: não será acaso o mundo uma casa de orates?

SCENA VIII.

LUIZA, D. LUCIANO.

D. LUCIANO.

(Apparecendo pela porta da direita) D. Luiza!

LUIZA.

D. Luciano!

D. LUCIANO.

Como Cesar cheguei, vi e venci. S. ex.<sup>a</sup> vae ser despedido: se já o não está!

LUIZA.

Pois conseguiu tanto, em tão pouco tempo? E' despedida verbal?

D. LUCIANO.

Não: por escripto. Fui eu que dictei a carta.

LUIZA.

Optimo!

D. LUCIANO.

Tornei-me um sultão, converti-me n'um rei absoluto. O conde vae soffrer uma desfeita, que o hade apoquentar deveras. Venho agradecer a v. ex.<sup>a</sup> o triumpho que obtive, e que só devi aos seus conselhos.

LUIZA.

Ao seu dinheiro, meu caro capitalista.

D. LUCIANO.

Nunca me teria vindo á cabeça semelhante idéa!

LUIZA.

Pois admira!

D. LUCIANO.

E aproveito a occasião para me desobrigar de vir ao almoço a que v. ex.<sup>a</sup> me convidou. Vou almoçar com a americana.

LUIZA.

Que fineza!

D. LUCIANO.

Resolvi dar-lhe de presente *un petit cadeau*, o magnifico *char-à-banc*, que recebi de Paris, e aquellas magnificas eguas inglezas, que assombraram Madrid.

LUIZA.

Bravo! Já achou um meio de se arruinar...

D. LUCIANO.

N'essa não caio eu: gastarei exactamente a verba que destino a essa despeza, e ficarei por ahí!

LUIZA.

O convite que teve veiu a proposito: almoçará em casa da americana melhor do que em minha casa, e nós ficamos em mais liberdade.

D. LUCIANO.

Porque?

LUIZA.

Convidei tambem o conde...

D. LUCIANO.

O conde!

LUIZA.

E agora não seria agradável encontrarem-se ambos.

D. LUCIANO.

Os rivaes não me mettem medo!

LUIZA.

A mim é que me cumpre evitar alguma scena tempestuosa. De mais a mais, tambem vem a condessa.

D. LUCIANO.

Ah!

LUIZA.

E ainda dois outros pares de casados...

D. LUCIANO.

Adivinho: Micaela e D. Eusebio: Carlota e o general.

LUIZA.

E bem vê que eu tambem pertenco ao gremio...

D. LUCIANO.

E' um congresso de casados!

LUIZA.

Aonde v. ex.<sup>a</sup> seria um verdadeiro profano.

D. LUCIANO.

E' verdade.

LUIZA.

E de mais, os solteiros podem ser victimas do contagio... conjugal.

D. LUCIANO.

Diz bem minha senhora: é bom fugir das ten-

tações... casar, e poder vir a ser... Adeus! (*vae-se*).  
Continua.

A noite.

DEVANEIO

DEDICADO AO MEU AMIGO, J. A. D'A. MACHADO.

Continuação.

É manso e quedo o oceano... Acalmada a furia insolita, já não vem ferir o silencio o rouco estampido da vaga a despedaçar-se aos pés da merencoria rocha sobre elle debruçada, que debrua as solitarias faldas da montanha! Nem já o rugido lugubre que apoz deixava escoar-se na immensidade — lugubre e gemebundo como deve ser o da fera do deserto succumbindo ao laço do caçador ardeiro — vem espalhar o pavor nas ermidas cercanias...

Silencio... mysterio agora...

Só a aragem da noite enfiando-se indolente pelas nuas e rasgadas gelosias do mosteiro; só a aragem que doideja pela immensidade; só a aragem, esse halito puro e embalsamado da natureza, esse arfar da solidão, nos diz que são em repouso, como o halito e a respiração do corpo humano, quando presa do somno, attesta que não é cada-ver!

E a pallida lua d'Agosto que airosa e elegante se pavoneia nas altas regiões; essa lampada do ceo, qual a dizem os bardos e os vates, derrama jorros de frouxa e tibia luz sobre o adro deserto do mosteiro... sobre a pedregosa encosta da montanha, sobre a cruz mutilada do valle, e sobre o largo pelago que se apresenta á vista como uma longa fita de prata.

E dorme a solidão; a natureza repouza. Dorme o ermo, a flor, a vaga o aldeão e a rez no rustico tegurio! Só vela dentro d'alma firme a creença do inspirado, que ó noite te contempla.

Rosas, lyrios, tombados em sereno repouso embevecidos e sobre a fria terra reclinados; relatae-me florinhas da montanha quaes são os vossos fados.

A lua vos desenha, Na frente desbotada fera magoa funda melancolia...

Referi-me florinhas da soedade

Vosso mal e agonia... Arreceiaes a solidão, o ermo, tristes viveis, porque do sol os raios abrasadores a mimosa fronte Vos crestam desecando-a?...

Desabrigadas da montanha ao pino sem larga rama ou protector abrigo que vos defenda, o vendaval medonho Vos dá pavor e susto...

Arreceiaes de moribundas todás no fundo abysmo ir acabar'squecidas co'as velhas arvores do hervoso monte Qual vós, tombadas da tormenta aos sopros?

Quereis morrer? — vaidosas — tão meigas e mimosas deixar a vida assim? — Dizei — não, não queremos; aqui em dór 'sp' raremos da nossa vida o fim!...

Dizei, que muitos n'este mundo o fazem vontades fortes, corações potentes. Se é fraqueza o terminar co'a vida será bravata o arrostar co'a sorte.

Adeus, florinhas... deixo-vos. Quem sabe se amanhã ao passar por aqui vos verei já murchas... decepadas da haste e á mercê dos ventos?...

Dormi... Mas eis a aragem que vos açoita o

rosto... que vos faz oscillar no tronco... e que vos baloíça... Já passou, mas roubou-vos um perfume...

Adeus, florinhas, repoisae.

Adormecida a natureza, muda a solidão, reina ao de redor de mim o silencio dos mortos!

Se dirijo as vistas ao infinito nada mais enxergo do que as phantasticas e recortadas cumiadas da longinqua serrania visinha ao horizonte...

E a pallida lua d'Agosto, que airosa e elegante se pavoneia nas altas regiões, derrama aos jorros sua frouxa e tibia luz sobre o adro deserto do mosteiro, e sobre a largueza immensa do oceano...

Descendo, lá em baixo ao pé d'um valle existe uma pequena cavidade: escura lapa, rustica e agreste aberta pela mão da natureza no dorso pedregoso da montanha. Em dias de tormenta desvairada, em que o fugaz relampago fuzila e o noto as velhas arvores derriba, o medroso pastor e o seu rebanho securissimo abrigo ali encontram.

Seu chão agora é aspero e sinuoso, arrelvado e macio em primavera. Que o diga o bom e simples zagalejo, que, no Maio p'los dias estirados, a sesta dorme lá e o seu rafeiro que o acompanha fiel a toda a parte.

Da lapa em frente hastéa-se uma rude cruz de pinho; dois cepos e mais nada; — lembrança mui piedosa que tivera um selvagem, creado nas montanhas. As flores mais mimosas, perfumadas, lhe crescem á raiz; e de proposito ali dispostas. Certo, que não medram assim na soledade taes florinhas, tão meigas, delicadas e risonhas. Agora dormem ellas embaladas p'la aragem, como toda a natureza. P'la aragem que as baloíça, e os orvalhos sacode para o chão, que a relva absorve!

Refere a tradição dos arredores que esta lapa morada fóra outr'ora d'um inspirado venerando ermita. Mas eis — da gruta ao topo aclarado pelo pallido luar se vê erguido inda, verdade é que em ruínas, grosseiro, toco altar, simples na forma. Esculpturas, ornatos e brocados não teve por enfeite ou atavios; que não carece luxos a piedade!

Tambem contam os velhos da montanha, os crendeiros, e as velhas santanarias uma lenda tristissima e penosa em respeito ao modesto anachoreta. Dizem elles que santo se finara; e da vida do santo um caso narram bem plangente, de lagrimas bem digno.

Na infancia me contaram essa historia; na infancia, sim, mas d'ella inda m'alembro e tão bem qual se agora m'a referissem.

Continua.

HENRIQUE VAN-DEITERS.

Está no prélo a comedia em tres actos — *Lições para maridos*, por Lopes de Mendonça.

Está no prélo o drama em cinco actos e um prologo — *A pobreza envergonhada*, por J. da Silva Mendes Leal Junior.

TYPOGRAPHIA DO PANORAMA -- Travessa da Victoria, 52.